

Nome: Jefferson Martins Cassiano

Email: jeffmarcas@hotmail.com

Instituição de Ensino: UnB

Orientadora: Prof. Dra. Maria Cecília Almeida

UMA HERMENÊUTICA DE FOUCAULT

FORMAS DE PROBLEMATIZAÇÃO, FOCOS DE EXPERIÊNCIA E MODOS DE TRANSFORMAÇÃO DE SI

Resumo: Esta proposta de comunicação procede como resultado de pesquisa para a dissertação de mestrado, a qual tem a ontologia de Foucault como questão central de análise. Desenvolvida nos últimos anos de vida do autor, a ontologia de nós mesmos é apresentada pelo próprio Foucault como a opção filosófica a qual se vincula: “é essa forma de filosofia [ontologia de nós mesmos] que, de Hegel à Escola de Frankfurt, passando por Nietzsche, Max Weber, etc., fundou uma forma de reflexão à que, é claro, eu me vinculo na medida em que posso”¹. Assumindo a tarefa filosófica de um pensamento histórico-crítico sobre o que acontece com a atualidade, Foucault atribui o papel do filósofo como aquele que deve diagnosticar sua atualidade². Logo, a ontologia de nós mesmos expressa um tipo de questionamento que assume a forma de um diagnóstico do presente. Foucault compreende a noção de diagnóstico por meio de uma arqueologia da diferença, isto é, estabelecer que “somos diferença, que nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras. Que a diferença, longe de ser origem esquecida e recoberta, é a dispersão que somos e que fazemos”³. Nisto consiste o diagnóstico foucaultiano.

Uma vez entendido que Foucault se propõe a diagnosticar o presente, infere-se que ele toma como ponto de partida o sujeito, mas o sujeito produzido pelas relações epistêmicas e que atende pelo nome de homem. Ainda que o prognóstico da ‘morte do homem’ possa ser reconhecido como um lema da filosofia foucaultiana, é em torno às

¹ Cf. Michel FOUCAULT, *O governo de si e dos outros* (MWF Martins Fontes), 1983, p.22.

² Cf. Michel FOUCAULT, *La escena de la filosofía, (Estética, ética y hermenéutica*, Buenos Aires: Paidós) 1999, p.152.

³ Cf. Michel FOUCAULT, *A arqueologia do saber* (Forense Universitária), 2008, p.149.

práticas que possibilitam seu engendramento que Foucault dedicou grande parte de sua obra. O ponto de convergência para tal tarefa se realiza no âmbito da ontologia, pois neste domínio Foucault trata de conceber seu próprio pensamento como uma crítica arqueológica que investiga a produção dos discursos sobre o homem atual e uma crítica genealógica que extrai das circunstâncias a possibilidade desse homem já não ser o que pensa ser atualmente⁴. Isso significa que a ontologia lida com transformações parciais feitas em correlação com análises históricas de certas práticas e discursos. Uma maneira de entender como a filosofia de Foucault pretende ser um diagnóstico do presente é examinando de que modo o autor elaborou o que poderia se chamar de uma leitura hermenêutica de si, ou seja, uma tentativa de elucidar a si mesmo. Em alguns momentos de suas obras, Foucault examina a própria condução de seu trabalho e identifica os objetivos até então presentes em seu pensamento. Dessa forma, três noções são apresentadas por Foucault, a saber: formas de problematização, focos de experiência e modos de transformação. Pode-se dizer que tais noções não servem como procedimentos metodológicos nem como operadores conceituais, mas como orientações que Foucault utiliza para interpretar a história do pensamento ocidental.

Segundo Foucault, as formas de problematizações pretendem “definir as condições nas quais o ser humano ‘problematiza’ o que ele é, e o mundo no qual ele vive”⁵. O autor reconhece o empenho para definir tais condições que conduziram seu trabalho intelectual: “as problematizações através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam”⁶. Assim, a arqueologia trata das condições formais de problematização, a genealogia de sua formação a partir de práticas e suas modificações e a ontologia lida com a constituição histórica de certas formas de existência. Através de um exercício de problematização se esclarece a razão de Foucault poder afirmar que “uma coisa em todo o caso é certa: é que o homem não é o mais velho problema nem o mais constante que se tenha colocado ao saber humano”, concluindo que “o homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo”⁷.

Se a tarefa da filosofia moderna está em problematizar a existência do ser humano como homem-objeto analisável e manipulável, Foucault também compreende sua filosofia

⁴ Cf. Michel FOUCAULT, *¿Qué es la Ilustración?*, *Op. Cit.*, 1999, p.348.

⁵ Cf. Michel FOUCAULT, *O uso dos prazeres*, (Edições Graal), 1984, p.14.

⁶ *Idem; Idibem.*

⁷ Cf. Michel FOUCAULT, *As palavras e as coisas* (Martins Fontes), 2000, p.535.

como focos de experiência: “formas de um saber possível, matrizes normativas de comportamento, modos de existência virtuais para sujeitos possíveis –, são essas três coisas, ou antes, é a articulação dessas três coisas que podemos chamar, creio, de ‘foco de experiência’”⁸. Portanto, seja a experiência da loucura, da doença, da criminalidade ou da sexualidade, estas transpassam por uma matriz de conhecimento, por normas de comportamento e pela constituição de certo modo de ser. Foucault emprega os focos de experiência como análise histórica na qual se obtém as formas de objetivação do saber, os modos de sujeição do poder e a constituição histórica da subjetividade para, enfim, apresentar o ser humano como homem-sujeito⁹.

Enfim, embora Foucault não expresse pontualmente, parece ser bastante plausível que as formas de problematização e os focos de experiência se complementam para formar os modos de transformação do sujeito em homem. A experiência não é apenas uma reprodução de vivências pessoais, mas um sentido mais radical dos modos de transformação. Para tanto, Foucault não concebe o diagnóstico do presente nem como decadência niilista nem como um tempo pós-moderno, uma vez que as problematizações e experiências engendram múltiplas transformações. Assim, para Foucault, ao diagnóstico do presente cabe a função de caracterizar a fragilidade do homem atual, na qual a “descrição se deve fazer segundo uma espécie de quebra virtual que abre um espaço de liberdade, entendido como espaço de liberdade concreta, isto é, de transformação possível”¹⁰. É diante dessas condições de possibilidade que Foucault direciona o estudo das transformações das práticas discursivas em produção de objetos e regimes de verdades, das tecnologias de poder em comportamentos disciplinares e gestão de recursos humanos, das formas de subjetivação em uma arte de autorrealização de si. Porém, o diagnóstico do presente só se equivale à tarefa da filosofia à medida que condiciona as possibilidades de transformações de si, pois segundo Foucault “se eu [Foucault] conheço a verdade, me transformarei. E talvez me salve, ou então eu morra”¹¹. Portanto, é plausível considerar que a ontologia de nós mesmos se presta ao diagnóstico do presente quando observada a partir do próprio autoexame que Foucault deixa ao interpretar sua obra.

⁸ Cf. Michel FOUCAULT, *O governo de si e dos outros*, Op. Cit., 1983, p.05.

⁹ *Idem*, p.07.

¹⁰ Cf. Michel FOUCAULT, *Estructuralismo y posestructuralismo*, Op. Cit., 1999, p.325.

¹¹ Cf. Michel FOUCAULT. *Dits et écrits*, Vol. IV, Paris: Éditions Gallimard, 1994, p.530.

Palavras-chave: Foucault, problematização, experiência, transformação de si, diagnóstico do presente.